

Representação do Governo João Goulart na imprensa regional (1961-1964): Perspectiva teórica e análise de fontes.

Mariella de Oliveira Amaral Moreira*

Resumo Esta comunicação propõe delinear as representações do governo João Goulart na imprensa escrita regional, das cidades de Itabuna e de Ilhéus, a partir da análise de notícias que contemple as principais discussões envolvendo este governo, observaremos como a imprensa local o concebia e de que maneira colaborou na formação e na divulgação de uma imagem a respeito deste governo e do seu presidente nesta região, sem deixar de questionar por meio do exame dessas notícias, os efeitos que tal representação causou na dinâmica política local. Para tanto, apresentaremos em linhas gerais as produções acadêmicas recentes sobre o tema, bem como, as fontes que selecionamos; dois jornais de significativa influência na região nos anos de 1960 e, que se encontram disponíveis no CEDOC¹, a saber, os jornais: Diário de Itabuna e Diário da Tarde, este último da cidade de Ilhéus.

Palavra-chaves: governo João Goulart; imprensa; Itabuna/Ilhéus.

Introdução

O governo João Goulart (1961-1964) marcado por intensas agitações políticas no qual, os movimentos sociais destacaram-se juntamente com os partidos ditos de “esquerda” e, as reformas de base pela primeira vez são estabelecidas como plano de governo voltado para a maioria da população, ou seja, os operários e os trabalhadores rurais.

. As “reformas” (fiscais, tributária, previdenciária e agrária) e as demais deliberações deste governo ganharam grande repercussão em toda imprensa escrita nacional, esta, por sua vez, contribuiu significativamente para a desarticulação do governo Goulart. Os meios de comunicações, à grosso modo podem, “influenciar” a opinião pública e, o seu poder de persuasão pode traçar uma imagem negativa ou positiva de determinados assuntos, sobretudo aqueles relativos à política. No governo João Goulart, muitas foram às polêmicas levantadas pelos jornais impressos nacionais sobre este governo, repercutindo amplamente em todo país. Diante desta possibilidade tomemos a conceito de ‘imaginário sociais’ considerando as diversas categorias que compõe uma sociedade e sua relação com a construção da imagem do governo Goulart difundida pela imprensa em escala nacional e sua repercussão em diferentes grupos políticos. Partiremos então da concepção de imaginário e política pensada por Baczko:

* Pós-Graduação em História do Brasil-UESC

¹ Centro de Documentação e Memória regional.

“Os imaginários sociais constituem outros tantos pontos de referencia no vasto sistema simbólico que qualquer coletividade produz e através da qual, como disse Mauss, ela se percebe e divide e elabora os seus próprios objetivos. É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de ‘bom comportamento’, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do ‘chefe’, o ‘bom súbdito’, o ‘guerreiro corajoso’, etc.”(BACZKO,1985,p. 309)

Desta forma, avaliaremos como um fenômeno que ocorreu em âmbito nacional se manifestou na imprensa local, qual o perfil e o posicionamento desta imprensa em um período de efervescência política e que a democracia e a liberdade de expressão ainda eram permitidas? Analisaremos o processo de colaboração, de adesão e de poder que um jornal local pode ter em âmbito regional, se constituindo em uma força de propagação de uma idéia e na formação e consolidação de um imaginário, revelando uma identidade do grupo que representa.

Assim, também seria pertinente articular os jornais impressos selecionados ao campo de lutas sociais na qual este atuou e se constituiu. Considerando que as cidades Ilhéus/Itabuna foram um importante pólo econômico na década de 1960, em virtude da produção cacauceira, caberia analisar como os grupos políticos locais (sindicatos dos cacauicultores, dos trabalhadores rurais e demais lideranças políticas) se posicionavam diante das questões fundamentais deste governo, sobretudo a reforma agrária e a extensão da legislação trabalhista ao campo, pensar como os diferentes grupos políticos desta região agia politicamente, revelando as ‘identidades’ políticas, ou seja, as ‘representações políticas’ locais neste contexto específico, o que implicaria recorrer a outras fontes, constituem-se, portanto, formulações provisórias para um estudo subsequente.

1.2. Perspectivas teóricas sobre o governo João Goulart

Considerando a escassez de uma produção bibliográfica específica sobre o governo Goulart, Badaró Mattos² avalia que a maioria dos estudos dedicados ao presidente João Goulart estão focados nas explicações dos antecedentes do golpe de 1964, ou apenas como

² Artigo publicado pela Revista Brasileira de História, São Paulo, V.28, n° 55, p.245-263, 2008.

marco de deflagração deste, ressalta que ainda é prematuro um levantamento bibliográfico que trate exclusivamente do governo João Goulart.

No entanto, aponta que esta tendência vem mudando na produção historiográfica e o governo Goulart vem sendo analisado a partir de suas características essenciais.

Sendo assim, propõe uma revisão, em linhas gerais, das produções acadêmicas que tratam do governo Goulart nos estudos sobre o golpe de 1964. Faz referência aos 40 anos do Golpe em 2004 e aos 30 anos da morte de João Goulart em 2006, datas que suscitaram a necessidade de reflexões mais consistente em decorrência de uma demanda social. Assim, contrapõe as principais linhas interpretativas que buscam no governo de João Goulart explicações para o Golpe de 1964, considera então que quatro ciclos já foram percorridos: a dos anos 1970 em que predominavam análises com viés econômico e estrutural, indo da crise de acumulação capitalista à crise do populismo; a de Renné Dreifuss (1980) que se tornou clássica, sobre a articulação entre setores da classe dominante, dos militares, e das instituições IPÊS/IBAD com o apoio da política externa estadunidense. O da década de 1990 vindo à tona as interpretações baseadas em depoimento dos militares egressos da Ditadura Militar realizadas por grupo de pesquisadores do CPDOC³ da FGV-RJ tais como Gláucio Ari Soares (1994).

Menciona que em virtude dos quarenta anos do Golpe em 2004 levaram os meios acadêmicos a retomarem a teses de 10 anos antes a respeito do Governo Goulart, em torno da disputa entre a ‘direita’ e a ‘esquerda’ pelo poder por meios anti-democráticos preconizado por Angelina Figueiredo (1993) e retomado por Elio Gaspari (2002) e Jorge Ferreira (2004) e Daniel Aarão Reis Filho (2004), tal tese foi contestada por Marcelo Ridente (2004) e Caio Navarro Toledo (2004) ambos compartilham de que as esquerdas não tinha pretensões golpistas.

Sobre a produção recente, Badaró Mattos destaca a obra organizada por Moraes Ferreira (2006) como a produção que melhor focaliza o governo de João Goulart. Moraes Ferreira combate o negativismo em torno da figura de João Goulart, em seus estudos, utilizando-se de 46 depoimentos do acervo de história oral da CPDOC/FGV-RJ, com os quais, faz um confronto de fontes entre as memórias dos representantes da ala dos ‘conservadores’ (composto por políticos da UDN, do PSD, militares e representantes dos

³ Centro de Pesquisa e Documentação pertencente à Fundação Getúlio Vargas (FGV) no Rio de Janeiro, onde se encontram arquivados diversos documentos do Regime Militar, tais como depoimentos, entrevistas, fotos etc., referentes ao período da Ditadura Militar.

grandes grupos empresariais), com os da ‘esquerda’, (por meio de depoimentos de petebistas, comunistas e lideranças dos movimentos sindicais). Analisa que as reformas de base propostas por Goulart foram radicalizadas pelo discurso conservador de seus contemporâneos, que atribuiu às reformas a uma possível abertura para implantação do comunismo no Brasil.

Navarro Toledo⁴, indo de encontro com Moraes Ferreira, considera que o governo Goulart ainda é “objeto de interpretações controversas e antagônicas”, e que a divulgação de depreciação do governo Goulart, por economistas ‘Liberais e conservadores’, também contribuíram para a formação de uma imagem negativa deste, ao qual são atribuídos termos do tipo: "baderna política", "crise de autoridade" e "caos administrativo"; inflação descontrolada e recessão econômica; quebra da hierarquia e indisciplina nas forças armadas; "subversão" da lei da ordem e avanço das forças de esquerda e comunizantes etc (TOLEDO, 2008, p.2). Toledo defende que as reformas de base foi o pivô da deflagração do golpe de 64 sendo uma reação radical dos militares e setores conservadores- liberais contra o projeto reformista pretendida por João Goulart.

Moniz Bandeira (1977) também focalizando seus estudos nas lutas sociais na conjuntura política do Governo Goulart, analisa-o considerando o contexto de Guerra Fria, ou seja, os conflitos ideológicos que polarizaram o mundo em dois núcleos, o socialista e capitalista. Neste contexto, considera a presença dos EUA como um dos principais “responsáveis” pelos acontecimentos que precipitaram a deposição do presidente João Goulart. Moniz Bandeira aborda também a questão nacionalista e a intermediação ideológica do populismo, assim como, as lutas sociais que ganharam intensidade e transparência naquele período, além de tratar de aspectos biográficos envolvendo a figura do presidente João Goulart. Bandeira avalia os processos pelos quais na disputa pelo poder, ou seja, do Estado, os interesses econômicos nacionais e multinacionais, entraram em confronto com os interesses das massas trabalhadoras.

1.1 A imagem do governo Goulart na imprensa.

O governo de João Goulart foi marcado por forte oposição da classe média, dos setores industriais e, sobretudo dos militares, e, por outro lado, sofreu pressões das esquerdas radicais que reivindicavam a urgência da efetivação das reformas. Tal confronto se

⁴ Ver, “1964: O golpe contra as reformas e a democracia”. Artigo publicado na Rev. Bras. Hist. vol.24, nº 47, São Paulo, 2004.

manifestou na imprensa à época, a qual, em larga escala, contribuiu para a desarticulação deste governo.

Alves de Abreu⁵ analisa que num primeiro momento a imprensa não se opôs a candidatura de João Goulart, em defesa dos “princípios” constitucionais, no entanto, na medida em que a crise político-econômica se intensificou e que o governo foi perdendo o apoio tanto dos grupos de esquerda quanto do centro, a imprensa mudou seu discurso, ratifica que a imprensa foi um dos vetores de divulgação do espectro comunista sendo uma das justificativas para a derrubada do governo Goulart. Nos jornais da época a crise geral que assolava o governo acompanhava a imagem negativa do presidente até o momento de sua deposição, sendo este extremamente criticado pela imprensa e freqüentemente associado ao comunismo e a subversão das esquerdas. Um dos poucos jornais que demonstrou uma breve posição favorável a João Goulart foi o “Correio da Manhã” no Rio de Janeiro. Contudo, tratou de mudar sua posição, pois, a publicação do editorial “Basta”, demonstra que, a exemplo dos demais jornais ‘*anti-jangistas*’, desde o princípio apoiou o golpe, como elucida o referido editorial, publicado exatamente no dia que as tropas comandadas por Mourão Filho tomou as ruas de Minas Gerais,

“Basta!

Até que ponto o presidente da República abusará da paciência da Nação? Até que ponto pretende tomar para si, por meio de decretos, leis, a função do poder legislativo?(...) Até que ponto contribuirá para preservar o clima de intranqüilidade e insegurança que se verifica presente na classe produtora? (...) Até que ponto quer desagregar as Forças Armada, por meio da indisciplina que se torna cada vez mais incontrolável? (...) Basta de farsa! Basta de guerra psicológica que o próprio governo desencadeou, com o objetivo de levar avante a sua política continuísta. Basta de demagogia, para que realmente se possa fazer as reformas de base.”⁶ [grifos meus]

Ironicamente, os temores revelados nessa matéria se concretizariam de qualquer maneira no decorrer do pós-golpe de 64, mas sob o governo dos militares, a exemplo executivo que assumia funções do legislativo e da ‘guerra psicológica’. O jornal “Correio da Manhã”, que passou por sucessivas transformações desde o período do governo Goulart, mudou radicalmente a sua postura política durante o regime ditatorial. No entanto, logo no início do regime, quando ainda era permitido, ousou fazer oposição a este, o que mais tarde lhe renderia forte retaliação.

⁵ ABREU, Alzira Alves de. **A Participação da imprensa na queda do Governo Goulart**. In: Seminário 40 anos do Golpe: Ditadura Militar e Resistência no Brasil, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

⁶ Matéria publicada em 31 de março de 1964, texto completo encontra-se disponível em FICO, Carlos. Além do Golpe: Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. Rio de Janeiro: Record, 2004. pp. 322-336

A imprensa regional era explicitamente anticomunista e fez forte campanha contra o governo de João Goulart, e apoiou avidamente o golpe de 1964, o qual, em sua visão, era uma necessária e urgente revolução. A Coluna publicada no jornal Diário da Tarde do município de Ilhéus no ano de 1964 demonstra a aprovação à destituição do governo João Goulart, seu apoio às forças armadas e felicitações ao regime instituído, como se observa neste editorial:

“Foi no estrito cumprimento dos deveres que a constituição impôs as Forças Armadas, em admirável operação militar, destituíram o ex-presidente da República.

Está pronta a primeira etapa da revolução vitoriosa. A pátria foi defendida dos que, no poder, ameaçavam-lhe a própria soberania. (...) Restam as forças armadas a segunda etapa, isto é, a garantia da ordem, já que a garantia dos poderes constitucionais tem elas colocados acima de qualquer dúvida. A ordem sem a qual não haverá ordem nem progresso, a ordem precisa ser defendida a todo custo, dentro de um clima de respeito a todos, pois todos são parcela da população (...). Não quer isso dizer que não haverá punições. Mas punições para os culpados. Punições na forma de lei. Sim, porque esta revolução tem uma mensagem. A mensagem que o governo deposto negou ao povo brasileiro. Mensagem de ordem e esperança, para que um povo trabalhador possa construir com liberdade, o futuro de paz e de prosperidade que montará, neste hemisfério, permanentemente aceso o sinal vermelho de trânsito proibido ao comunismo internacional. (...) Agora é hora do direito e da razão, da construção e da paz; Paz que somente resultará da integração de todos os brasileiros no processo de desenvolvimento nacional, com igual participação das riquezas do Brasil.⁷

A influência de idéias positivistas, a manutenção da ‘ordem’ em prol do ‘progresso’, a defesa da constituição, eram preocupações que se manifestava no pronunciamento da imprensa local, revelando paradoxalmente um receio por mudanças e o apreço por uma democratização, porém sem desvinculá-las da ordem e dos poderes constitucionais aos quais atribuía às forças armadas a função tutelar de garantir estes princípios

1.2. O governo Goulart na óptica do jornal *Diário de Itabuna*.

Na análise do jornal Diário de Itabuna constatamos que, aos anos correspondentes de 1961 a 1962, da posse de Jânio Quadros ao início do governo Goulart, as notícias se mostravam favoráveis ao governo, “apoiavam” certas medidas das reformas mesmo demonstrando receio de uma suposta aproximação do presidente com o comunismo. Contudo, no período que antecede ao Golpe Militar de 1964, por volta de agosto 1963 até as vésperas do Golpe, foram publicadas diversas matérias políticas contestando o governo do presidente

⁷ Cf. Diário da Tarde, Ano XXXVII, Ilhéus-Bahia, 1964, N.º 10.430

João Goulart⁸, cuja maioria apresenta um conteúdo “apelativo”, revelando a insatisfação com o governo e apontando os problemas deste, tal como foi explicitada na manchete *Jango está “jangando” com a paciência do povo*, de dezembro de 1963, na qual se encontram críticas ferrenhas ao presidente, a começar dizendo que este insistiu em imitar Getúlio Vargas e também de ser um “manobrista” que, ao invés de administrar o país, ficava tramando maquinações políticas contra seus adversários, conforme se observa no trecho da matéria a seguir:

*É com essas jogadas políticas que não mais interessam nem sensibilizam a opinião pública, que o senhor João Goulart pretende passar à história. A história do atraso do nosso país por quatro miseráveis anos. Quer e não quer o Sr. João Goulart reformular em sentido expressamente político seu ministério. A barganha de sempre para conter os partidos e retê-los em redor do poder.*⁹

Como exemplifica a matéria acima citada, e se fizermos uma análise do discurso inerente à mesma, observamos que a linguagem coloquial e o neologismo eram muitas vezes utilizados pelo DI como uma forma de satirizar o governo e a situação política do momento. A irreverência de algumas manchetes compensa a ausência de charges e caricaturas e, como na época a fotografia não era tão disseminada como hoje, há pouca iconografia no DI, sendo as fotos dos políticos e “personalidades” locais repetidas em diferentes notícias que envolvem as mesmas pessoas em períodos distintos.

Observa-se também que, num curto período governado por João Goulart, o jornal DI fez forte promoção à candidatura do Governador da Guanabara Carlos Lacerda, sempre com muitos elogios a atuação deste e, por outro lado, não tinha nenhum pudor em relação ao governo de João Goulart, considerando-o uma ameaça comunista e constantemente associada a uma ‘subversão comunista’, tal como demonstra a matéria intitulada “*Em Busca da Revolução*”, reproduzida abaixo:

*Somente o atual governador do Estado de Guanabara, poderá com coragem e destemor enfrentar essa onda de lama, esta maré montante de desgraça que estão avassalando o país, matando o povo de fome e fazendo engordar, com facilidade de bilhões de cruzeiros, os ‘piqueteiros de greves’, trabalhando pelo governo da união, a fim de que a confusão se generalize, e seja o Brasil transformado em república sindicalista sob a orientação da Rússia (...)*¹⁰

⁸ Optamos por recorrer ao período do governo que antecede o Golpe de 64 visando uma análise comparativa do “antes” e do “pós” Golpe de 64.

⁹ Jornal Diário de Itabuna, Ano VII, segunda-feira, 9 de dezembro de 1963, disponível no CEDOC

¹⁰ Jornal Diário de Itabuna, Ano VII, “Em busca da Revolução” quinta-feira, 21 de novembro de 1963, disponível no CEDOC

A imprensa itabunense, se mostra explicitamente anticomunista e também, como era de se esperar, fez forte campanha contra o governo de João Goulart, participando da sua desarticulação e, neste sentido, apoiou avidamente o Golpe de 1964, o qual, em sua visão, era uma necessária e urgente “revolução”. Assim, no jornal DI da década de 1960, conforme se observa no quadro n.º 1, soma-se, ao todo 56 notícias, sendo que nos anos de 1963 e de 1964 contam-se 23 notícias, dentre as quais, oito se referem diretamente às críticas ao presidente Jango.

As notícias políticas sobre o executivo no governo João Goulart, não eram apenas informativas, mas estavam repletas de opiniões e posições políticas ideológicas com o intuito de “convencimento” do público leitor, chegando sempre a conclusão de que o governo Jango estava indo de “mal à pior” e que a situação política no Brasil estava insustentável. Assim, com freqüentes reclamações sobre a situação geral do país, as notícias eram cheias de argumentos em prol da “revolução” (Golpe), em que eram traduzidas pela presença constante de palavras e expressões que remetiam aos descontentamentos com o governo Goulart, tais como “subversão”, “comunismo”, “estado de sítio”, “carestia”, “bancarrota”, demonstrando como o jornal DI interpretava a realidade social e se posicionava diante dos acontecimentos políticos daquela conjuntura específica.

Desta forma, há constantemente menções sobre uma ameaça comunista nas manchetes do DI, destacando o perigo que havia nas intenções do governo Goulart, conforme destacamos a seguir:

- **“Goulart exaspera-se com o encontro Lacerda-Juscelino”**, matéria de 7/09/1963, sobre um encontro com candidatos (proposto por Lacerda) visando a ‘defesa do regime democrático’ e para vencer a pregação ‘arruinante’ e ‘demagógica’ dos comunistas.
- **“Renúncia de Jango será a salvação para a pátria”**, matéria de 10/10/1963, acerca da ‘incapacidade’ de Goulart de governar o país acusando seus assessores de ‘pregoeiros’ da ideologia marxista.
- **“Assim começou na Rússia”** matéria de 28/12/1963, acusando Goulart de sovietação da pátria e que seu projeto de desapropriação de terra é de inspiração comunista.
- **“Garantido pelo exército comício de Jango: críticas”**, matéria de 14/03/1964, onde há críticas ao uso que Jango fez das forças armadas em

comício onde foi retirado um cartaz, no qual havia palavras de Getúlio Vargas com menção anticomunista.

Além da constante ameaça comunista e da previsão de um “estado de sítio” presente nas notícias, as “reformas de base”¹¹, elaboradas pelo ministro Celso Furtado, era outro assunto em torno do governo do presidente João Goulart e tratado com frequência pelo jornal DI, o qual via a questão das reformas com desconfiança e sendo abordada sempre em tom irônico, como se nota na notícia “*Desgoverne, mas não deboche do povo brasileiro*”, mostrando indignação com o presidente Goulart por este ter afirmado em um comício no Rio Grande do Sul, que as “reformas viriam não por sua vontade, mas pela vontade do povo”. Segundo o argumento da notícia, o povo não podia ser confundido com “os malandros” que apoiavam as reformas, insinuando que o dinheiro a ser empregado nas ‘reformas’ viria por intermédio de “comunistas subversivos”, podendo ser dinheiro “espoliado” da lavoura cacaueteira no Sul da Bahia.¹² Outra matéria intitulada “*O Eterno Debate*”, refere-se às discussões sobre as reformas, considerando-as “discussões estéreis”, referindo-se as “célebres reformas de base”, os quais não passam de promessas e que “o povo espera com paciência pra ver se o milagre aparece”, ou seja, reclamando a falta de resultados de tais reformas.¹³

Tomando por base as notícias do jornal DI em relação ao governo Goulart, concluímos que este assumiu sua oposição, quase sempre com um tom crítico e opinativo com o intuito de convencimento do público leitor, as reformas de bases de início apoiada passa a ser contestada, a reforma agrária vista como desapropriação de terra de ‘inspiração comunista’ e a figura do presidente sempre associado ao comunismo desde quando vice-presidente. Mesmo não tendo peso no processo de desarticulação do governo João Goulart, por ser um jornal local de circulação restrita, este contribuiu para reforçar uma imagem compartilhada pela grande imprensa nacional do governo João Goulart na região.

¹¹ Conjunto de propostas governamentais visando superar o subdesenvolvimento e a diminuição das desigualdades sociais, por meio de reformas em diversos setores: as reformas bancária, fiscal, urbana, administrativa, agrária e universitária. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/>.

¹² Jornal Diário de Itabuna, Ano VII, sexta-feira, 20 de Novembro de 1963.

¹³ Jornal Diário de Itabuna, Ano VII, sábado, 8 de Fevereiro de 1964.

Bibliografia

ABREU, Alzira Alves de. **A Participação da imprensa na queda do Governo Goulart.** In: Seminário 40 anos do Golpe: Ditadura Militar e Resistência no Brasil, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

BACZKO, Bronislaw. **Imaginário Social,** In: Enciclopédia Einaud. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BANDEIRA, Muniz. **O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil (1961-1964).** Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1977.

FICO, Carlos. **Além do Golpe: Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar.** Rio de Janeiro: Record, 2004. pp. 322-336

MATTOS, Marcelo Badaró. **O governo João Goulart: novos rumos da produção historiográfica.** Revista brasileira de História, vol.28, nº 55.

TOLEDO Caio Navarro. 1964: **O golpe contra as reformas e a democracia.** Artigo publicado na Rev. Bras. Hist. vol.24, nº 47, São Paulo, 2004.